

Cinema Manauara e as Representações do Norte pelo Cinema Novo Local

Emily da Silva Fontes¹

Camila Leite de Araújo²

Universidade Federal do Amazonas

Resumo

Este trabalho, vinculado a uma pesquisa de Iniciação Científica na Universidade Federal do Amazonas, investiga as representações do Norte do Brasil no Cinema Novo Local, com foco na produção manauara. O estudo analisa representações da Amazônia no Cinema Novo Local, com foco em filmes manauaras como *Sete Cores da Amazônia*, *O Barco e o Rio* e *O Eremita*. Com base em análise fílmica e teórica, investiga como essas obras rompem estereótipos e constroem uma identidade audiovisual própria, abordando ancestralidade, gênero e espiritualidade. O estudo destaca o papel do cinema regional na valorização das culturas amazônicas.

Palavras-chave: Cinema do Norte, Amazonas, Produção Independente, Identidade Cultural, Representação.

Introdução

Cinema é uma arte mágica capaz de condensar histórias centenárias em um arcabouço de imagens e sons (Sabadin, 2018). As produções audiovisuais amazonenses, surgiram em uma região historicamente marcada pela exploração econômica e cultura singular. Os primeiros indícios de tal arte na área nortista³ ocorreram durante o 1º Ciclo da Borracha, tendo como um dos pioneiros a registrar a Amazônia, Silvino Santos⁴ (1886-1970) (Stoco, 2019). Nesta época, o cinema manauara era composto por uma estética que buscava manifestar a “verdade”, a “realidade” da zona amazônica (Costa; Lobo, 2005).

Hodiernamente, os novos cineastas manauaras estão deixando de lado a estética padrão hollywoodiana⁵ para evidenciar seus talentos. Mostra-se clara esta mudança, devido a elevação de eventos cinematográficos na região (Lopes, 2017), em especial na capital,

¹ Graduanda em Comunicação Social, 5º período, Universidade Federal do Amazonas.

² Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (2015). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (2010) e especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem (UFC). Professora Adjunta II do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC/UFAM). Líder do Grupo de Pesquisa em Imagens Tecnológicas e Digitais (IMAGO) e integrante do Grupo de Pesquisa Mediação (linha de Ambientes Narrativos Comunicacionais). Atua também na coordenação do projeto de extensão Cine & Vídeo Tarumã. Tem interesse nas áreas de Comunicação, Fotografia, Audiovisual, Estética, Cultura Visual, Memória, Ambientes Narrativos e Ciberultura.

³ Que ou quem é natural ou habitante de uma região Norte.

⁴ Silvino Simões Santos Silva foi um fotógrafo e cinegrafista luso-brasileiro que se estabeleceu em Manaus, tendo sido o autor, juntamente com Agésilau Araújo, do clássico documentário “No Paiz das Amazonas”.

⁵ Relativo a Hollywood (em Los Angeles, Estados Unidos da América), geralmente enquanto centro da indústria cinematográfica norte-americana.

Manaus. Por exemplo, o Festival Olhar do Norte⁶, que reúne uma coletânea de longas e curtas-metragem dos mais diversos temas onde visa promover e dar visibilidade à produção audiovisual da região amazônica.

Diante do exposto, o presente trabalho visa investigar as representações do Norte do Brasil, especialmente da cidade de Manaus, por meio do Cinema Novo Local⁷, destacando sua contribuição para a construção de identidades regionais e nacionais na cinematografia brasileira.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem metodológica de base interdisciplinar, estruturada em etapas complementares que incluem revisão teórica, levantamento histórico e análise fílmica. No entanto, para fins deste resumo expandido, será abordada exclusivamente a etapa de análise fílmica, com foco em três obras contemporâneas produzidas em Manaus: *Sete Cores da Amazônia* (Ana Lígia Pimentel), *O Barco e o Rio* (Bernardo Ale Abinader) e *O Eremita* (Juan Lopes). A seleção das obras levou em consideração critérios como relevância cultural, impacto crítico, diversidade de temáticas e representatividade no cenário audiovisual nortista.

Resultados

Raízes históricas e identidade cultural

O cinema chegou cedo à Amazônia, ainda no século XIX, em meio ao auge do Ciclo da Borracha. Obras como “*No Paiz das Amazonas*” (1922), de Silvino Santos, ajudaram a construir um imaginário exótico e colonizador da região. Após o declínio econômico, a produção audiovisual local passou por um longo período de retração. Foi a partir dos anos 2000, com o fortalecimento de coletivos, políticas culturais e festivais, que o cinema manauara se reestruturou com identidade própria.

Essa retomada revela um processo de construção de identidade cultural cinematográfica que emerge do cotidiano amazônico, das vivências periféricas e da memória coletiva. Ao revisitar as raízes históricas do cinema na região, compreende-se que a atual

⁶ Uma iniciativa da Artrupe Produções em colaboração com o Cine Set, com o apoio do Governo do Amazonas, através da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa.

⁷ Movimento que aborda a rica biodiversidade e a complexidade das dinâmicas humanas na região manauara.

produção manauara, longe de ser um fenômeno isolado, é herdeira de um campo de tensões entre visibilidade e silenciamento, centro e margem, representação e autoafirmação.

Análise filmica

Sete Cores da Amazônia



Figura 01: HQ e fotografia do filme “Sete cores da Amazônia”.

Inspirado em HQ homônima, o filme narra a jornada de Sarah, jovem da periferia de Manaus que descobre suas raízes indígenas ao visitar a avó em uma comunidade ribeirinha. A obra propõe uma reconexão afetiva com a ancestralidade e critica a urbanização que apaga identidades originárias. Com linguagem acessível e estética vibrante, valoriza a diversidade étnica e simbólica da região, atuando como ferramenta de descolonização imagética.

Visualmente vibrante e afetivamente potente, o filme utiliza uma linguagem cinematográfica acessível, sem abrir mão de recursos simbólicos que reforçam sua proposta de reconexão com o passado. A construção da personagem principal, que transita entre o urbano empobrecido e o espaço da floresta como redescoberta de si. Ao representar essa travessia como rito de passagem, o filme se inscreve em uma tradição de narrativas que colocam a Amazônia como espaço de cura e revelação. Mas, desta vez, a partir de um olhar interno, íntimo e afetivo. Nesse sentido, a obra atua como instrumento de descolonização da imagem, valorizando a multiplicidade cultural da Amazônia contemporânea.

O Barco e o Rio

O curta aborda a relação de duas irmãs que conduzem um barco em Manaus, explorando tensões entre religiosidade, sexualidade e autonomia. A narrativa se estrutura em

silêncios e imagens densas, com forte carga simbólica. A estética do filme aposta em planos longos, silêncios expressivos e gestos contidos para construir o drama interno das personagens.



Figura 02: Fotografias do filme “O Barco e o Rio”.

A embarcação que dá título ao filme funciona como metáfora de aprisionamento e travessia: é ao mesmo tempo lugar de resistência e de reclusão. A paisagem amazônica aparece como pano de fundo simbólico, ora acolhedor, ora opressor, evocando uma dimensão espiritual que se impõe de forma silenciosa e profunda. O filme amplia as representações da mulher amazônida, fugindo de arquétipos passivos e exóticos.

O Eremita

O filme retrata o diálogo entre dois jovens artistas na praça de um bairro manauara. A narrativa introspectiva, apoiada em planos fixos e diálogos cotidianos, reflete sobre frustração, invisibilidade e criação artística na Amazônia urbana. A ausência de floresta como protagonista é substituída pela escuta dos afetos e desejos da juventude periférica. A obra afirma o cinema como forma de resistência e pertencimento.



Figura 03: Fotografias de gravação do filme “O Eremita”.

O Eremita se insere, assim, em uma linhagem de obras que tematizam o fazer artístico como gesto de resistência. A ausência de grandes orçamentos é incorporada como estética, reforçando o valor político do cinema feito com poucos recursos, mas com densidade poética e existencial. A obra propõe um olhar sobre a Amazônia que não depende da floresta como imagem dominante, mas sim da escuta dos afetos, frustrações e desejos de seus habitantes urbanos, especialmente da juventude criadora, muitas vezes esquecida pelas políticas culturais nacionais.

Considerações Finais

A análise dos três filmes evidencia como o Cinema Novo Local manauara rompe com estereótipos e propõe novas formas de representar a Amazônia. As produções analisadas valorizam narrativas enraizadas no território, explorando temas como ancestralidade, juventude, religiosidade e arte como resistência.

Os curtas-metragem analisados constroem um cinema identitário que valoriza personagens locais, conflitos reais e subjetividades amazônicas. Rejeitam clichês e reforçam a necessidade de descentralizar o audiovisual brasileiro, deslocando o eixo Rio-São Paulo e abrindo espaço para uma cinematografia plural.

Outro ponto relevante identificado é que o cinema amazônico contemporâneo se consolida a partir de iniciativas coletivas, políticas públicas de incentivo e redes autônomas de produção e difusão. Em um cenário marcado por profundas desigualdades de financiamento e visibilidade no audiovisual brasileiro, afirmar a Amazônia como território produtor de narrativas não é apenas um ato estético, mas sobretudo um gesto político de resistência e afirmação cultural.

Portanto, este estudo reforça a importância do cinema regional como ferramenta crítica e simbólica. O Cinema Novo Local amplia o campo do cinema brasileiro e contribui para uma compreensão mais justa e diversa da cultura nortista.

Referências

COSTA, Selda; LOBO, Narciso. Cinema no Amazonas: Dossiê Amazônia Brasileira I. São Paulo: Scientific Electronic Library Online, 2008.

<https://www.scielo.br/j/ea/a/t6ZnChPDSGDsVyqJDXVYDgC/>

LOPES, Rafael. **Cine-manauara: no centro de um outro contexto.** Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS), São Luís - Vol. 3 - Número 1, p. (21-23), jan./jun. 2017. Disponível em:

<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/6066/4437>.

Acesso em: 12 de abril de 2025.

SABADIN, Celso. A História do Cinema para quem tem pressa. 1º Edição. Rio de Janeiro: Valentina, 2018. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1dPz7naySucMtlQOzjqf3a4yixF3-BeHC/view>. Acesso em: 15

de abril de 2025.

STOCO, Sávio. **O Cinema de Silvino Santos (1918-1922) e a representação amazônica: história, arte e sociedade.** São Paulo, 2019, p. 290, Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-31072019-115319/publico/SavioLuisStocoVC.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2025.